

**Maria Cecilia Mollica (Rio de Janeiro)**

## **Simplificação no sistema de modo na história do português**

### **1. Colocação do problema**

O ciclo de mudança nas línguas românicas atinge o modo verbal, com previsão de neutralização entre alguns tempos e entre o modo indicativo e subjuntivo. No português, verifica-se tal tendência, embora alguns obstáculos se façam notar no sentido de inibir o processo de simplificação. Neste artigo, considero o princípio da marcação como um vetor de retração à mudança sob a perspectiva cognitivo-funcional, defendendo estabilidade no processo de simplificação no sistema de modo na história do português, ao me reportar aos achados de Mollica (2003).

Na origem, segundo Basílio (1977), teria havido opacidade sintática entre o infinitivo pessoal e o futuro. O fenômeno ocorre quando sequências idênticas provêm de derivações diferentes, mas apresentam as mesmas implicações semânticas. Existindo opacidade, há um ambiente favorável à mudança e, na sintaxe, a direção da mudança é imprescindível. Para Basílio, temos um caso de opacidade parcial no futuro do subjuntivo em função da existência dos verbos regulares e dos verbos irregulares «fracos», com idêntica sequência fonológica e interpretação semântica.

«Engordaremos *quando comermos* muito» (fut. subj)

«Engordaremos *ao comermos* muito» (inf. pessoal)

Com os verbos irregulares fortes, a tendência à mudança seria ainda mais acentuada, embora difícil de ser prevista, como em:

«Eles ficarão felizes *quando trouxerem* o prêmio».

Já para Naro (1981), a mudança se inicia num grau mínimo de diferenciação e se implementa na direção dos outros pontos de maior diferença, redundando em modificação do paradigma. Macedo (1981) estudou o processo de regularização paradigmática a partir da seguinte premissa:

A difusão da mudança de regularização teria início no ponto zero de diferenciação entre o sistema velho e o novo, ou seja, nos verbos sem qual-

quer diferença entre o futuro do subjuntivo e o infinitivo, e se estenderia a partir dos contextos menos salientes, ou menos perceptíveis (1981: 37).

No trabalho citado, considerei o princípio da marcação como um candidato a um universal sociolingüístico que, teoricamente, possa oferecer sustentação para explicar fatos lingüísticos estáveis ou em mudança lingüística. Assim, foi possível destacar a relevância do referido princípio, especialmente em processos variáveis que podem promover uniformização nos paradigmas verbais, a exemplo da suposta mudança no emprego do futuro do subjuntivo, por meio de evidências empíricas em tempo real.

## **2. Critérios para a definição de marcação**

É crucial definir os critérios a serem usados para a identificação do valor marcado ou não-marcado de uma determinada categoria nos estudos sobre marcação. Para o nível morfossintático, lancei mão, na pesquisa supra-mencionada, das variáveis «complexidade estrutural» e «frequência», com vistas à confirmação da relação maior frequência/valor não-marcado, menor frequência/valor marcado. Com relação à complexidade, o meu objetivo consistiu em demonstrar que o elemento não marcado tende a ser menos saliente cognitivamente (Croft 1990; Givón 1995), conseqüentemente menos complexo e naturalmente com menor número de morfemas comparativamente à construção lingüística marcada.

Assim, é razoável afirmar que a questão da regularização paradigmática se regula por esses condicionamentos e os resultados apresentados (Mollica 2003) parecem ser indicadores positivos da relevância dos critérios utilizados para a fundamentação do princípio da marcação. No estudo em tela, foi interessante indagar até onde se pode provar que as formas regularizadas são menos marcadas e menos salientes cognitivamente, levando-se em conta as condições mencionadas. O princípio da saliência fônica (Lemle / Naro 1977) foi aplicado na investigação em busca de respostas, na medida em que se refere ao grau de oposição fonética entre as formas com claro efeito sobre as flexões irregulares. Com os mesmos propósitos, controlei o grau de frequência dos verbos, para dar conta das implicações inerentes à hipótese central do trabalho.

Na grande maioria dos verbos, as estruturas do futuro do subjuntivo e do infinito são morfologicamente idênticas, como no exemplo a

seguir, onde vender (fut. subj.) tem forma idêntica à do infinitivo. Há um grupo de verbos em que a diferença é pequena, “irregulares fracos”, e outro em que a diferença é grande: «irregulares fortes».

«Eu vou gostar *quando você vender* a casa antiga»  
«Quando *souberem* que eu me mudei, não vão gostar»  
«Você vai tirar boas notas *quando tiver* estudado muito»  
«Você não vai ficar sossegado *enquanto ela não vier*».

No uso coloquial da língua, é comum observar-se, mesmo com os verbos irregulares fortes, o emprego da forma idêntica ao infinitivo, categorizada como «regularizada». Macedo lança a hipótese de que o processo de regularização se inicia pelo futuro do subjuntivo devido às condições peculiares que propiciam confusão com o infinitivo na maioria dos verbos. A partir da análise de Basílio (1977), pode-se afirmar que o nivelamento do paradigma do futuro do subjuntivo sugere a continuação diacrônica de generalização pela qual passaram outros verbos que, no latim clássico, apresentavam alomorfa do radical nos tempos do perfeito e que, entretanto, se regularizaram nas línguas românicas. É possível que, por essas evidências, esteja em questão o princípio da gramaticalização, latente na língua, emergindo em contextos sócio-históricos favoráveis. Note-se que a existência de tendência à simplificação paradigmática é salientada por Adolfo Coelho no final do século XIX (Vasconcellos 1916) e vem sendo mais bem observada nos dias de hoje, ainda que com muitas dificuldades quanto à identificação dos dados em discurso informal espontâneo. Por outro lado, não se tem certeza que o processo tenha sido interrompido no século XVIII ou em outros períodos, ainda que o rastreamento de dados realizado não tenha descoberto qualquer vestígio.

Nos idos de 80, Macedo projetou o emprego do futuro do subjuntivo como um regra variável em mudança lingüística, comprovada pelo uso bem mais freqüente das formas regularizadas entre os falantes mais jovens. Para a pesquisadora, as formas regularizadas estariam sendo difundidas a partir das camadas menos escolarizadas e de menor nível cultural juntamente com o grupo etário mais jovem. Saliência fônica seria uma das forças desencadeadoras do fenômeno, de modo que a difusão partiria das formas menos salientes. Nos termos do princípio da marcação, tal premissa equivale a dizer que as formas marcadas tenderiam a manter a irregularidade paradigmática.

### 3. Diferença e marcação

Na investigação em tempo real sobre os processos de simplificação no nível morfossintático desenvolvida por Mollica (2003), o efeito do princípio da marcação em relação às estruturas mais marcadas acerca da diferença entre subjuntivo operado versus subjuntivo não operado é extremamente relevante. Diferentemente de Macedo, a pesquisa revelou que o processo de simplificação das formas de futuro do subjuntivo se apresenta estável no sistema do português atual falado no Brasil exatamente porque os falantes só utilizam as formas mais frequentes e menos marcadas. Há que se concluir, por conseguinte, que a regularização paradigmática do futuro do subjuntivo não deve prosseguir no sistema em razão de as formas marcadas serem evitadas e, quando utilizadas, serem geralmente processadas de acordo com a construção canônica.

O princípio da marcação age, portanto, na direção contrária ao impulso da mudança lingüística. Numa perspectiva longitudinal, foi possível constatar que a regularização no futuro do subjuntivo é motivada por alguns vetores de natureza funcional e social. Suponho que o princípio da marcação tenha sido extremamente eficiente diacronicamente como força de retração à mudança em vista da comprovação de sua ação refreadora de inovações com dados do século XX, no atual estágio da língua portuguesa no Brasil.

Os resultados em diferentes amostras confirmam essa hipótese, pois não atestam mudança no paradigma verbal mas estabilidade (6% nos idos de 80 e em 2000) quanto ao processo de simplificação paradigmática. Comprovam a marcação como mecanismo inibidor, responsável pela harmonização, posto que as formas menos salientes estão mais expostas à regularização: em todas as amostras analisadas, o percentual de regularização nos verbos menos salientes é consideravelmente maior e a passagem do tempo não influi nesse caso. Do ponto de vista dos itens lexicais, praticamente não se atesta mudança: formas menos salientes, de menor complexidade estrutural, são afetadas pela inovação que não deve progredir no sistema do português, dado que os itens mais complexos são menos frequentes ou simplesmente inexistem na fala. Os únicos itens afetados pelo processo são *ver*, *dar*, *querer*, *ter*, *ir*, *estar*, *ser*, *fazer*, *vir*, *saber*. Os verbos mais frequentes são os mais afetados, de acordo com os critérios adotados no trabalho. É recomendável, no entanto, que se utilizem experimen-

tos com metodologia de testes de atitudes, semelhante às técnicas que Macedo acabou adotando. Quanto à dimensão dos vocábulos, variável que dá suporte à hipótese do comprometimento de grau de complexidade com o princípio da marcação, observou-se que os vocábulos pequenos (monossilábicos) são mais regularizados que os grandes (dissilábicos, trissilábicos e polissilábicos): itens de pouca extensão e de menor complexidade e saliência são mais propensos ao afetamento; os itens maiores são mais notados e praticamente não são afetados.

No atual estágio da língua, o princípio da marcação atua fortemente por meio do controle das variáveis saliência fônica, extensão e frequência do vocábulo. Pode-se afirmar então que a mudança está sendo refreada por vetores de base fônico-estrutural e cognitiva. Algumas variáveis sociais, especialmente a escolarização, refreiam o avanço do processo de regularização que, supostamente, estaria conduzindo à mudança, caracterizada, no caso, por uma força de uniformização paradigmática. Há bons indicadores de que a frequência deve estar interagindo, de modo que a participação do léxico na constituição de princípios que explicam a estabilidade ou a mudança deve ser levada em conta, pressupondo-se conseqüentemente a hipótese de que as regras são paulatinamente fixadas e se espalham gradualmente à proporção que o vocabulário da língua vai sendo aprendido, codificado e registrado através do tempo. Gostaria de concluir levantando a hipótese de que, provavelmente por razões históricas, inerentes ao Século das Luzes, não constatei regularização paradigmática nesse período da história da língua. Essa ausência de variação deve ter se perpetuado durante quase todo o século XIX, rompendo-se muito lentamente na virada do século XX.

### Bibliografia

- Basílio, Margarida (1977): *Syntactic Opacity: Personal Infinitive and Future Subjunctive in Portuguese*, Austin: University of Texas, mimeo.
- Croft, William (1990): *Typology and Universals*, Cambridge: Cambridge University Press.
- Givón, Talmy (1995): *Functionalism and grammar*, Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins.
- Lemle, Miriam / Naro, Anthony (1977): *Competências básicas do português*. Relatório Final apresentado às instituições Fundação Ford e Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral), mimeo.

- Macedo, Alzira (1981): *O uso do futuro do subjuntivo em português: regularização de uma forma verbal*, Tese de Doutorado, UFRJ.
- Mollica, Maria Cecilia (2003): «Marcação e estabilidade na mudança lingüística», em: Roncarati, Cláudia / Abraçado, Jussara: *Português brasileiro: contato lingüístico, heterogeneidade e história*, Rio de Janeiro: Editora 7 Letras, pp. 213-226.
- Naro, Anthony (1981): «The Social and Structural Dimensions of a Syntactic Change», em: *Language*, 57 (1), pp. 63-98.
- Vasconcellos, Carolina Michaëlis (1916): «O imperfeito do conjuntivo e o infinitivo pessoal no português», em: *Boletim de Segunda Classe da Academia das Ciências de Lisboa*.